

A EXPERIÊNCIA DO GT CORONAVÍRUS NA UFRJ

Jaqueline Novaes¹

Victor França²



Foto: Arquivo pessoal do Prof. Roberto Medronho

As perguntas dessa entrevista foram feitas ao Prof. Roberto Medronho, professor Titular em Epidemiologia da Faculdade de Medicina, Coordenador da Divisão de Pesquisa do HUCFF e Coordenador do GT Coronavírus UFRJ. Há 9 meses comprometido com as ações de enfrentamento à Pandemia de Covid-19 dentro e fora do âmbito da UFRJ, o Prof. Medronho nos fala sobre os Grupos de Trabalho, sobre colaboração entre os campos de conhecimento, sobre os malefícios da desinformação e nos convida a uma reflexão sobre os próximos 100 anos, a partir do que já sabemos agora.

1 - Qual a importância de a UFRJ ter sido uma das primeiras universidades a criar um Grupo de Trabalho (GT) Técnico Multidisciplinar para a COVID-19? Quais as finalidades do GT?

RM: Logo no início do ano, ao tomarmos conhecimento de que a doença estava se espalhando globalmente, conversamos com a professora Denise Pires de Carvalho, reitora da UFRJ, e propusemos a criação de um grupo de trabalho para discutir esta grave questão de saúde

¹ Secretária Executiva da Diretoria de Assuntos Acadêmicos Coppe/UFRJ, Secretária do GT Coronavírus, Doutoranda em Educação (PPGE) UNESA.

² Assessor de Imprensa da Reitoria da UFRJ. Mestrando em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFRJ. Especialista em Marketing (MBA) pela Universidade de São Paulo (USP).

pública, que, àquela época, ainda não era de magnitude tão grande, mas já nos preocupava muito. Por sorte, a professora Denise instituiu imediatamente a criação de um grupo de trabalho multidisciplinar para o enfrentamento da Covid-19. Nós começamos a trabalhar logo no início de fevereiro. Bem antes do carnaval, já estávamos discutindo várias ações. Posteriormente, a professora Denise consolidou esse grupo em uma portaria no Boletim da UFRJ. Mas, nosso trabalho iniciou-se bem antes até dessa instituição formal por portaria e ele reuniu docentes de diversas unidades da UFRJ, um trabalho efetivamente multidisciplinar. As três principais recomendações que a professora Denise nos deu foram: (1) elaborar recomendações e informes técnicos para o nosso corpo social sobre a Covid-19, (2) criar um centro de testagem para o corpo social, além de contribuir para as articulações do Complexo Hospitalar no que tange à assistência à saúde entre as unidades hospitalares da UFRJ e (3) também articular ações de pesquisa. Esses foram os primeiros trabalhos que nós iniciamos. Ações essas que foram fundamentais e têm sido, porque estamos em um momento em que a ciência tem sido muito questionada, em que a universidade tem sido palco de vários questionamentos, muitos deles injustos - através de *fake news* - e isso reforça o papel importante da universidade no contexto de uma pandemia como esta.

2 - Comente sobre a importância de a Reitoria da UFRJ ter impulsionado a comunidade de pesquisadores da universidade a reunirem esforços para o combate ao coronavírus.

RM: Realmente a sensibilidade que a Reitoria teve em buscar um grupo de trabalho multidisciplinar, que envolvesse colegas das várias áreas do conhecimento que a UFRJ possui - e isso tem sido muito efetivo - foi de uma importância muito grande. Eu, há 43 anos envolvido com a UFRJ, desde aluno, nunca vi um esforço tão grande de tantos colegas, aportando seus saberes de forma solidária e fraterna, para juntos construirmos novos conhecimentos para o enfrentamento dessa pandemia. Então, o fato de a Reitoria ter impulsionado esse processo, ou seja, ter dado todo o apoio para que ele funcione, como tem feito até hoje, realmente faz um diferencial muito grande para a UFRJ e isso tem sido reconhecido pela sociedade.

3 - O senhor já comentou em algumas ocasiões que vem percebendo uma maior união dos diversos setores da universidade nesse momento de enfrentamento à pandemia. O que mais o surpreendeu nessa mobilização? Que ensinamentos ela tem nos trazido?

RM: Eu tenho realmente percebido uma união dos diversos setores da nossa sociedade, uma busca muito grande por parcerias. Acho que a ciência e a busca pelo conhecimento devem ser colaborativos e não competitivos, e isso a pandemia tem demonstrado. Realmente, foi uma grata surpresa ver a imensa mobilização de todo o corpo social, pessoas se oferecendo para trabalhar, pessoas se oferecendo para produzir coisas, como eu nunca tinha visto antes. Então, eu acho que o grande ensinamento é esse: a união faz a força e, para a pesquisa, é fundamental termos o sentido da colaboração para podermos enfrentar esses e diversos outros problemas que nos afligirão.

4 - Além da pandemia, tivemos de nos preocupar com o que senhor chamou de infodemia. Comente um pouco sobre isso.

RM: Realmente existe o que a gente chama de infodemia. Há uma propagação de notícias falsas e de desinformações que, inclusive, tem causado danos à saúde de muitas pessoas que acreditam nelas. Então, nós precisamos combatê-la com informação útil e também válida cientificamente. Por isso, foi criado o portal www.coronavirus.ufrj.br, para contribuir com a divulgação de informações úteis, relevantes e válidas cientificamente, para não haver mais prejuízo à saúde da população.

5 - Qual o papel da comunicação pública em contextos de crise como o da COVID-19?

RM: O papel da comunicação pública é absolutamente fundamental. Na verdade, eu costumo brincar com meus amigos jornalistas que nós, profissionais de saúde, e eles, profissionais da imprensa, são os setores fundamentais no combate à pandemia. Nós termos a população bem informada, conhecendo os riscos, mas não se apavorando, adotando os protocolos recomendados pelas autoridades de saúde pública é fundamental, porque não basta apenas uma área fazer o seu trabalho. É necessário que todos façamos nossa parte e uma comunicação que seja fácil, direta e convincente é absolutamente fundamental para que tenhamos uma maior adesão ao enfrentamento da pandemia por parte de todos os setores da sociedade.

6 - O negacionismo é uma cólera desses tempos? Por quê?

RM: Eu não irei me arvorar a discutir as questões sociológicas, antropológicas e culturais, porque não é muito a minha praia... Mas, realmente, é um problema muito grande essa questão

do negacionismo. Eu também não consigo ter uma resposta imediata para isso, mas há, realmente, um movimento mundial, questionando a ciência, questionando as descobertas científicas, questionando se a terra é redonda, afirmando que a terra é plana... Fazendo muita desinformação, como, por exemplo, dizer que o uso de máscaras pode causar danos à saúde, ou seja, todo esse movimento é muito cruel, porque ele atinge, principalmente, as pessoas com pouco acesso à educação e elas acabam acreditando nessas *fake news* e adotando determinados comportamentos que põem a vida delas em risco. Então, é uma situação que nós precisaríamos também combater com muito afinco.

7 - Em 1920, a UFRJ era fundada e, naquele contexto, o Rio vivia a gripe espanhola, pandemia que infectou cerca de 500 milhões de pessoas em todo o mundo, o que representava, na época, um quarto de toda a população mundial. Ao completar 100 anos, a UFRJ se depara com uma nova pandemia: a COVID-19, que colocou o Brasil entre os países mais afetados no mundo. A história parece sugerir que a universidade precisa ser entendida como estratégica para a nação. Como os governos podem cooperar no sentido de potencializar a força da universidade pública como alavanca para prosperidade de seu próprio povo?

RM: Eu acho que a principal ação dos governantes é prover-nos de recursos e de condições mínimas de trabalho, para que nós possamos desenvolver a nossa atividade em prol da população de forma tranquila e sem percalços, especialmente do ponto de vista da falta de estrutura e da falta de insumos básicos. E respeitar nossa autonomia. Eu acho que um governo que esteja realmente preocupado com o bem-estar e com a saúde da sua população, deve apostar e investir no conhecimento e na evolução da ciência, tecnologia e inovação, para que possamos, inclusive, ter soluções próprias para nossos próprios problemas e não ficarmos dependentes eternamente do “*know-how*” internacional, porque muitas vezes eles não têm interesse de estudar certos problemas que ocorrem no Brasil, mas que não ocorrem nos países ditos de primeiro mundo. Então, o papel dos governos é absolutamente fundamental.

8 - A pandemia tem convocado a sociedade a refletir sobre a colaboração da universidade pública na vida diária, não apenas restrita ao intramuros. A ciência mostrou-se decisiva para responder às perguntas e atender às demandas da população, destacando o papel de pesquisadores de várias áreas de conhecimento, principalmente das ciências da saúde. Como o senhor analisa esse momento?

RM: Eu analiso como muito positivo para a ciência e também para o Sistema Único de Saúde (SUS). Tenho visto pessoas que antes eram mais conservadoras, achavam que a saúde pública deveria ser privatizada, que deveria haver planos de saúde com um valor pequeno, mas também que não cobririam adequadamente as necessidades da população, e eu tenho visto, hoje, muitas dessas pessoas fazendo uma autocrítica e mostrando, falando, da importância do SUS. Sobre a ciência, eu acho que a sociedade passou a se apropriar melhor e a entender melhor o quão é fundamental a ciência para a sua saúde e seu bem-estar. Um exemplo é a vacina. Todo mundo querendo uma vacina e ela não sairia se não tivéssemos todo o desenvolvimento científico e tecnológico que nós temos hoje no mundo. Então, eu acho que neste momento a sociedade viu claramente a importância de nós termos a ciência e em especial a ciência da saúde para a manutenção do bem estar da população.

9 - Sobre os trabalhos desenvolvidos a partir das discussões do GT Coronavírus, quais ações destacaria como mais significativas para a UFRJ? E para a sociedade?

RM: Bom, nós fizemos um conjunto de ações impressionante, pois não nos limitamos apenas àquelas finalidades iniciais que motivaram a criação do Grupo de Trabalho. Elas foram crescendo de uma forma bastante grande, como, por exemplo, o Centro de Testagem do Bloco N do CCS, que, hoje, tem uma equipe de muita gente, acompanhando muitas pessoas e, dali, não só temos prestado serviços à sociedade, como também adquirindo conhecimentos, como, por exemplo, a possibilidade de termos algumas pessoas que apresentam reinfecção pela Covid-19 e outras que ficaram alguns meses expelindo vírus pelas narinas... Nada disso seria possível se nós não tivéssemos montado o centro de testagem. O ventilador mecânico, numa articulação grande com a Coppe [Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia] e várias outras unidades sob a liderança do professor Jurandir Nadal, já foi testado em seres humanos e aprovado pelos órgãos reguladores. Então, nós temos aí uma oportunidade de desenvolvimento da indústria nacional, criando um ventilador mais barato e que pode ser utilizado por nós sem ficar dependendo de outros países, para futuras pandemias. O que não é uma questão de “se teremos outra pandemia”, mas “quando teremos outra pandemia”, porque a humanidade está devastando o meio ambiente. Essa competição desenfreada e esse capitalismo de acumulação cada vez maior de riquezas têm nos levado a fenômenos como o desta pandemia, e outros do mesmo tipo acontecerão, se não mudarmos radicalmente o nosso modo de vida. O teste sorológico com a vitamina S, que é fundamental

também, sob a liderança da professora Leda Castilho da Coppe/UFRJ, que sintetizou e purificou a proteína S, desenvolvendo um teste com sensibilidade e especificidade excepcionais e com custo baixíssimo, todos desenvolvidos na UFRJ. Sobre o álcool 70°, uma das primeiras pessoas que me procuraram oferecendo ajuda, e isso foi uma coisa que me tocou muito, foi a professora Cassia Turci. Ela, que é do Instituto de Química e decana do CCMN [Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza], nos ofereceu ajuda para criarem álcool 70°, álcool em gel e glicerinado. Hoje, a produção de álcool na UFRJ é enorme. Inclusive, nós não tivemos problemas de falta de álcool em nenhuma unidade ou dependência da UFRJ graças a esse trabalho. O voluntariado reuniu quase duas mil pessoas que se prontificaram a cobrir vários aspectos de nossas ações, lideradas pela professora Carla Luzia, da Escola de Enfermagem Anna Nery (Eean/UFRJ). Temos também um trabalho colaborativo grande com a Coppe/UFRJ, sob a coordenação do professor Guilherme Horta Travassos e do professor Claudio Miceli do NCE [Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais], utilizando modelos preditivos muito sofisticados, demonstrados através de uma imagem muito marcante, que é o Covidímetro. Ele impactou muitos governantes e a imprensa, isso tem sido muito importante. Fundamental citar os estudos da Biologia Molecular do vírus, através do laboratório coordenado pelo professor Amilcar Tanuri, um dos maiores virologistas do Brasil e dos mais respeitados do mundo, também com muito conhecimento sendo produzido. O trabalho da professora Marisa Palácios no acolhimento dos familiares dos pacientes foi matéria no Jornal Nacional [da TV Globo] e, a partir desse trabalho, foi feito um trabalho muito semelhante em um estado do Nordeste em que nem o setor privado tinha iniciado. Veja que dramático: as pessoas que se internavam no hospital universitário não viam o rosto de ninguém até a sua alta: nem de seus familiares (nem tinham notícias deles), nem de quem as atendiam, pois todos os profissionais estavam paramentados, uma coisa necessária, mas, ao mesmo tempo desumana, pois é como se o paciente estivesse numa guerra biológica (o que não deixou de ser, obviamente). Então, esse trabalho de acolher os familiares foi fundamental para reduzir o estresse da família, que estava muito preocupada com o paciente internado. E esses pacientes foram muito bem acolhidos, tendo sido dado a eles o melhor acolhimento e tratamento possível. O grupo de atenção psicossocial a servidores e alunos da UFRJ, liderado pela professora Claudia Vater, com centenas de pessoas já utilizando e mostrando os importantes impactos dos transtornos psicológicos nos nossos alunos e servidores têm dado esse acolhimento e reduzido muito o sofrimento psíquico dessas pessoas nesses meses de confinamento. O oxímetro, trabalho muito bonito do professor Guilherme Horta Travassos: um oxímetro barato fácil de ser produzido e que pode ser utilizado nos hospitais e nas comunidades. Temos desenvolvido

uma microcâmera acoplada ao laringoscópio - parceria da Faculdade de Medicina, professores Rafael Galliez e Guilherme Horta Travassos, da Coppe/UFRJ - para guiar a intervenção e, do celular, os alunos acompanham o procedimento de intubação, visualização que melhora sua prática. Nos ensaios clínicos, participamos do *Solidarity* da OMS [Organização Mundial da Saúde], envolvendo vários centros internacionais e mais outros ensaios para a pesquisas de um agente antiviral que ainda não foi descoberto, infelizmente. O trabalho da Coordcom [Coordenadoria de Comunicação Social], conduzido pelo Sérgio Duque e pelo Victor França tem sido fundamental na divulgação das notícias sobre a Covid-19. A elaboração do Plano de Contingência da UFRJ, que agora está na terceira versão, tem sido um trabalho muito grande, em cooperação com o Gabinete de Crise, coordenado pela Reitoria. As doações, graças às quais foram viabilizadas reformas no Hospital Universitário, permitindo a reabertura de enfermarias, que atendem centenas de pacientes com doenças graves. O *dashboard* da Covid-19, hospedado no site do Programa de Engenharia de Sistemas e Computação da Coppe/UFRJ, mostra o trabalho diário da reformatação dos dados para manter este indicativo atualizado, trabalho do professor Claudio Miceli, do NCE, que vara madrugadas todo dia, encontrando uma série de problemas graves em relação às bases de dados e mesmo da estrutura de informática, para tratá-los. O professor Miceli tem sido um herói na atualização dessa base de dados para o conhecimento da pandemia e da sua evolução em nosso estado.

10 - É possível que o mundo volte a ser como antes da COVID-19? Por quê?

RM: Bom, eu torço que não. Eu torço para que o mundo não volte a ser como era antes, porque não era normal o que estávamos vivendo antes. Ao longo de décadas: a destruição da natureza, a exploração do homem pelo homem, a ganância desenfreada, a desigualdade cruel em nosso país e no mundo, a fome assolando. Embora tenhamos o Brasil como um dos maiores produtores de grãos e de proteína animal do mundo, vemos a fome voltando. Então, espero que não voltemos ao que era antes, porque está insustentável viver em um mundo desse jeito. Agora, eu tenho muita desconfiança de que não. A humanidade já passou por várias tragédias, desde a época da Peste Negra (na história recente), passando por guerras mundiais, a pandemia da Gripe Espanhola... A despeito de todas essas questões, o mundo voltou como se nada tivesse acontecido, e eu tenho visto aqui mesmo a pandemia não tendo sido terminada, que algumas pessoas estão voltando a viver normalmente. Isso me dá preocupação e um certo medo. Penso que temos que não buscar um “novo normal”, mas buscar “outro normal”, buscarmos viver em outro mundo. Embora eu tenha esperança de não voltar a viver como antes, é infelizmente

possível que voltemos, sem uma profunda reflexão ou uma transformação do que éramos. Espero que essas bilhões de pessoas que nesse momento estão confinadas pelo mundo (e assim estiveram boa parte desse ano) tenham parado para refletir e dar um basta em uma situação que não tem mais sustentabilidade.

11 - Suponha que daqui a 100 anos, nas comemorações dos 200 anos da UFRJ, alguém leia essa entrevista. O que diria aos professores, estudantes, técnicos-administrativos, terceirizados e comunidade em geral sobre os tempos atuais e como imagina o futuro?

RM: Bom, diria o seguinte: Se estiverem vivendo uma pandemia como essa agora, uma vez que em nosso nascimento tivemos a de Gripe Espanhola e agora nos 100 anos a de Covid-19, se daqui a 100 anos tivermos uma “Covid-50”, eu diria que nós fracassamos enquanto civilização, enquanto sociedade, porque nada mudou. Ou, provavelmente, a situação de hoje precisaria ter sido muito mais aprimorada. E se não tiverem pandemia, especialmente nos próximos 100 anos, digo isto como um indicador, não quer dizer que o mundo será melhor apenas pela falta de uma pandemia, mas a sua não ocorrência como, efetivamente, expressão da melhoria das condições de vida da população, como reflexo da não exploração das riquezas naturais de forma infinita, como uma nova organização social mais solidária, mais fraterna, mais justa, sem essa desigualdade horrorosa, infame e cruel que nós temos, realmente eu diria que nós conseguimos aprender a lição de 100 anos atrás e que temos certamente uma vida melhor para todos. Então, eu acho que o legado que eu quero deixar para os de hoje é: lutemos por um mundo melhor para os nossos filhos, netos, bisnetos, “tataranetos”... Enfim, para que toda a humanidade tenha uma melhor condição de vida e que possa aproveitá-la enquanto bem maravilhoso, que deveríamos aproveitar da melhor forma possível, procurar a felicidade nossa e do próximo e que este mundo utópico seja um dia a realidade.